



A Cinemateca mostra uma história do cinema com vista para o mar

Sérgio C. Andrade

Uma selecção de sete curtas-metragens mostra esta noite algum do trabalho de recuperação já feito pelo Projecto FilMar

Há uma história do cinema português que pode ser contada através dos filmes, curtas e longas-metragens, que ao longo dos últimos 125 anos foram realizados junto ou sobre o mar. E isso salta à vista na selecção de sete curtas-metragens com que a Cinemateca Portuguesa, através do projecto FilMar, se associa hoje à nona edição da iniciativa *O Dia Mais Curto*, promovida pela Agência da Curta-Metragem: *A Sea Cave Near Lisbon (A Boca do Inferno em Cascais, 1896)*, de Henry W. Short; *... E Era o Mar (1966)*, de José Fonseca e Costa; *Tráfego e Estiva (1968)*, de Manuel Guimarães; *Fado Lusitano (1995)*, de Abi Feijó; *Superfície (2007)*, de Rui Xavier; *Náufragos (2018)*, de Pedro Neves; e *Lascas (2020)*, de Natália Azevedo Andrade. Dois dos realizadores, Abi Feijó e Natália Azevedo Andrade, estarão presentes na sessão, que terá início às 19h30 na Sala Luís de Pina.

Este alinhamento mais do que centenário é balizado cronologicamente, a montante, pelo registo que, no final do século XIX, Henry William Short, amigo do pioneiro inglês Robert W. Paul, fez do efeito das ondas do mar numa gruta de Cascais – e que integrou o programa de sucessivas sessões realizadas logo a seguir à inauguração do cinematógrafo dos irmãos Lumière em 1895 –; e, a jusante, por *Lascas*, trabalho final de mestrado da jovem realizadora Natália Azevedo Andrade, sobre o simbolismo do mar como expressão de dramáticos sentimentos familiares.

A sessão irá também permitir “mostrar como a curta-metragem, em particular, tem tido no mar um tema recorrente e transversal na história do cinema português”, diz ao PÚBLICO Tiago Bartolomeu Costa, coordenador do projecto FilMar – Digitalização do Património Cinematográfico, que a Cinemateca está a desenvolver ao abrigo do Mecanismo Financeiro do Espaço Económico Europeu (EEA Grants), com contribuições da Noruega, da Islândia e do Luxemburgo.

O coordenador e programador lembra, a propósito, alguns nomes históricos, como Leitão de Barros (*Nazaré, Praia de Pescadores, 1929*) e Manoel de Oliveira (*Douro, Faina Flu-*



Em cima, *Tráfego e Estiva*, filme acabado de restaurar; em baixo, *A Almadra Atuneira*, cujo restauro ficará pronto em 2022

vial, 1931), mas também Manuel de Guimarães (*Nazaré, 1952*), António Campos (*A Almadra Atuneira, 1961*) ou José Fonseca e Costa (*... E Era o Mar*). Este filme de 1966, agora exibido em cópia nova, constitui a primeira obra do futuro realizador de *O Recado*, e tem por objecto a promoção de um novo hotel junto à praia de Sesimbra. Já *Tráfego e Estiva*, que acaba de ser restaurado no âmbito do FilMar, documenta o quotidiano de trabalho no Porto de Lisboa, tendo a particularidade de ser o primeiro filme português originalmente filmado em 70 milímetros.

“Há vários realizadores que, por diversas razões, a começar pela própria geografia do país, mas também pela circunstância das encomendas que lhes foram feitas, tiveram no mar matéria de trabalho”, nota Tiago Bartolomeu Costa. Entre documentários e ficções, filmes científicos ou de teor publicitário, “estas obras permitem ver como o mar e as questões ambien-

tais, hoje dominantes, sempre foram tratadas pelo cinema”, acrescenta o coordenador do FilMar.

Dez mil minutos de filme

O projecto patrocinado pelo EEA Grants, com a duração de três anos e um orçamento de cerca de 880 mil euros, foi lançado em Fevereiro de 2020, com a missão de preservar, digitalizar e divulgar o património fílmico português relacionado com o mar. Na calha está a digitalização de dez mil minutos de filme, distribuídos entre longas (70%) e curtas-metragens (30%), num calendário entretanto alterado pela pandemia e que irá prolongar-se até ao final do primeiro semestre de 2024.

Foi com a realização do cineconcerto *Maria do Mar* (Leitão de Barros, 1930), primeiro na Cinemateca, em Junho, e depois na abertura do Porto/Post/Doc, em Novembro, que o projecto FilMar apresentou publicamente o seu programa, cumpridos três anos úteis de trabalho. Entre os objectivos futuros encontra-se agora a edição em DVD de alguns dos filmes tratados, a divulgação deste acervo junto dos espectadores, através da

associação com ciclos, festivais e salas de cinema, e ainda, no final, a realização de retrospectivas, numa parceria da Cinemateca Portuguesa com o Instituto Norueguês do Cinema.

O DVD com a versão restaurada de *Maria do Mar* e respectiva banda sonora composta em 2000 por Bernardo Sasseti, acrescentado da versão também restaurada de *Nazaré, Praia dos Pescadores* e do documentário de Manuel Mozos *Sobre Maria do Mar*, vai ser lançado no início do próximo ano. Um segundo DVD com curtas-metragens será editado até ao final do programa.

Na agenda mais imediata para 2022 está o lançamento da edição restaurada de *A Almadra Atuneira*, documentário etnográfico que António Campos (1922-1999) realizou sobre a pesca do atum em Tavira. Será uma das várias iniciativas que assinalarão o centenário do realizador de *Gente da Praia de Vieira* (1976) e *Terra Fria* (1991). Também no próximo ano está previsto recuperar e revalorizar outras obras relevantes desta temática, como o título histórico do cinema mudo *Os Faroleiros* (1922), de Maurice Mariaud; a curta de cinema fantástico *O Fauno das Montanhas* (1926), do madeirense Manuel Luís Vieira; *Heróis do Mar* (1949), de Fernando Garcia, sobre a pesca do bacalhau, com uma partitura original encomendada pela Câmara Municipal de Ilhavo à Filarmónica Gafanhense; e o restauro de *Aparelho Voador a Baixa Altitude* (2002), de Solveig Nordlund.

Em paralelo com esta iniciativa da Cinemateca, o programa O Dia Mais Curto, da Agência da Curta-Metragem, estende-se, nesta noite de terça para quarta-feira, por várias cidades do país (e também *online*), com uma programação distribuída por quatro temas: Curtas do Mundo, Novas Curtas Portuguesas, Curtinhas para Todos e Amiguinhos.

FOTOS: DR